



## PERFORMERS TRANS E BOATES GAYS NA FORTALEZA BABADO

Juliana Frota da Justa Coelho<sup>1</sup>

A homossexualidade, vista sob o prisma psicológico e psiquiátrico, é uma categoria recente que data do século XIX. Inicialmente associada a transtornos da preferência sexual, sua visibilidade tem sido ressignificada, entre outras formas, pelos espetáculos performatizados por transformistas, travestis e drag queens. Teatros, casas de espetáculos, blocos de carnaval e concursos de beleza têm se mostrado como espaços no quais a construção das visibilidades das homossexualidades e performances de gênero não heterossexuais conseguem aparecer também como experiência artística, cavando brechas na estereotipia necessariamente patológica.

Em suas performances, colocam na berlinda as concepções naturalizadas de gênero, corpo, identidade e sexualidade. Qual seria a importância de problematizar a (des)patologização de certas configurações de gênero e de sexualidade a partir das performances trans nos espetáculos, com ênfase na capital cearense? Estes podem ser considerados contextos históricos nos quais a visibilidade patológica confronta-se com aquela mais pautada na beleza (porém não menos política), mesmo que a anterior não seja completamente descartada. Este artigo diz respeito a um recorte de minha dissertação<sup>2</sup> para o Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Já no período do Brasil colônia, se havia alguma tolerância para com o “travestismo masculino”, era exclusivamente no contexto das representações teatrais. Fora desse *ethos*, nos registros pesquisados pelo autor, era comum que tanto os “homens que se vestiam de mulher” quanto as “mulheres que se vestiam de homens” fossem denominados “desenfreados”, “incorrigíveis”. Na virada do século XIX para o XX, já no contexto republicano, observou-se o que Green<sup>3</sup> chamou de “invasão” de homossexuais masculinos, com seus trajes femininos, nos bailes de carnaval.

A “apropriação homossexual do carnaval”, percurso árduo no qual as homossexualidades ganhavam uma visibilidade que não acontecia nos outros dias do ano, impulsionou brechas que

---

<sup>1</sup> Psicóloga e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora de Pós-Graduação em Psicopedagogia do Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA), localizado em Sobral-CE. E-mail: julianajusta@hotmail.com.

<sup>2</sup> COELHO, Juliana Frota da Justa. “*Bastidores e Estréias*”: performers trans e boates gays abalando a cidade. 2009. 162p. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2009.

<sup>3</sup> GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.



possibilitaram embates simbólicos capazes tanto de desestruturar quanto de reafirmar as pretensas verdades no que diz respeito ao gênero e à sexualidade. A partir dela, desde meados da segunda metade dos anos 60, é possível encontrar relatos de espetáculos de travestis e transformistas que passaram a acontecer fora do período momino. A presença em programas de televisão de renomados apresentadores, como Hebe Camargo e Sílvio Santos, principalmente a partir da década de 80, podem denotar uma maior “aceitação” em relação a essas pessoas, que também passam a ser “exemplos a serem seguidos” por aqueles que sonham em realizar esses tipos de performances.

E no contexto fortalezense? Como os espetáculos de transformistas, travestis e, mais recentemente, *drag queens*, construíram seu percurso nessa capital? Como a visibilidade desses *performers* foi se construindo na cidade? Qual a importância desses espetáculos para a ressemantização dos padrões binários de gênero e sexualidade?

Travestis, transformistas e *drag queens*, no carnaval, animam blocos de rua, participam de bailes e concursos de beleza, enfim, transitam por diversos espaços sociais com uma visibilidade mais “legitimada” do que nos outros períodos do ano. Essa propaganda “legitimidade” está mais para uma falsa tolerância do que para uma aceitação mais concreta das homossexualidades. Por outro lado, ignorar a relevância da presença trans no carnaval é desconsiderar uma das vias pelas quais essas pessoas não apenas dão seu “*close*”, mas também podem reconfigurar esse espaço em direção a novas formas de visibilidade.

Problematizar o surgimento dos espetáculos trans<sup>4</sup> nas boates da capital cearense não é algo fácil, principalmente se a temporalidade em questão não está restrita ao carnaval. Em minha busca por literatura que discutisse sobre as boates da cidade nas quais as performances de travestis, transformistas e *drag queens* fossem atração, deparei-me com uma relativa escassez de fontes, principalmente no que se refere aos estabelecimentos pioneiros. Os trabalhos de Fontenele<sup>5</sup> e Vale<sup>6</sup> contribuem sobremaneira para o debate sobre as travestis de Fortaleza, mas nem todos contemplam diretamente o contexto das boates, já que têm como principais motes de discussão os processos de transformação corporal e suas experiências no campo da prostituição na cidade e/ou em outros

---

<sup>4</sup> Visando tornar o texto mais fluido e menos repetitivo, por vezes refiro-me às três categorias englobando-as (contempladas suas devidas peculiaridades) na nomenclatura “trans”.

<sup>5</sup> FONTENELE, Cláudia Valença. *Entre Estrelas e Passarelas: A condição travesti e seus ritos de apresentação*. 1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.

<sup>6</sup> VALE, Alexandre Fleming Câmara. *O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário*. 2005. 294 p. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.



países. Em Gadelha<sup>7</sup>, encontrei as primeiras referências sobre performances *drag* nas boates *gay* locais existentes no período de setembro de 2004 a outubro de 2005.

A ida a boates *gays* como uma importante rede de sociabilidade para a vivência das homossexualidades dos cidadãos da capital cearense ficou patente no trabalho de Paiva<sup>8</sup>, mesmo que a ênfase do autor não recaísse sobre as aludidas performances nem sobre os estabelecimentos nas quais elas ocorriam. Ao ler as narrativas sobre o *ethos* íntimo das parcerias homoeróticas, foi possível observar que em quase todas há referência a boates, o que acaba por mostrar que esses estabelecimentos podem ser considerados espaços privilegiados de sociabilidade homossexual.

No entanto, quase no final de minha pesquisa para a dissertação, tive acesso a duas obras raras, já que não foram oficialmente publicadas ou divulgadas para um público maior. Na década de 70, Manoel Amorim, antigo morador do Prédio Jalcy, localizado no Centro de Fortaleza, escreveu dois livros de ficção sobre o cotidiano de “bonecas” e seus “casos”. “Ilca” e “Nós-Eles-Nós”<sup>9</sup>, por mais que sejam obras de ficção, retratam a homossocialidade fortalezense, perpassando o âmbito da família, do lazer (há referências ao carnaval, festas e boates, porém sem citar nomes), das conquistas e decepções amorosas, dos preconceitos, dos concursos de “bonecas”, das gírias da época (“broto”, “mora?”, “fita bárbara” etc), das músicas marcantes (Roberto Carlos é praticamente onipresente com as canções “Amada Amante”, “As Curvas de Santos”, entre outras), dos filmes polêmicos (“Teorema”, de Pier Paolo Pasolini; e “O Bebê de Rosemary”, de Roman Polanski, ambos de 1968).

Todas essas obras que, direta ou indiretamente, contemplavam o que eu procurava, impulsionaram-me a (re)construir o percurso das performances de transformistas, travestis e *drag queens* nas boates de Fortaleza, tecendo-o a partir de uma costura entre a literatura levantada e as entrevistas feitas por mim no período de abril de 2008 a julho de 2009. Estas foram realizadas com pessoas que atuavam ou atuam nos espetáculos desde o que consideram o início das boates que realizavam performances trans, e com aquelas mais jovens, que mal eram nascidas quando do surgimento dos primeiros estabelecimentos. Diretores artísticos, *performers*, donos de boates, *djs* e organizadores de concursos de beleza *gay* narraram a mim suas vivências, trazendo à tona

<sup>7</sup> GADELHA, José Juliano Barbosa. *Cartografias da Oralidade: a atuação drag queen em Fortaleza*. 2007. 100p. Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2007.

<sup>8</sup> PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. *Reservados e Invisíveis: o ethos romântico das parcerias homoeróticas*. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2007.

<sup>9</sup> AMORIM, Manoel. *Ilca*. Fortaleza, 1971; \_\_\_\_\_. *Nós-Eles-Nós*. Fortaleza, 1972.



importantes acontecimentos que contribuíram para a atual visibilidade das performances trans na capital do Ceará.

Não pretendo aqui realizar uma extensa discussão sobre o surgimento de Fortaleza, mas situar seus principais acontecimentos históricos para, posteriormente, entender a dinâmica dessa cidade em sua interrelação com o surgimento das boates nas quais a grande atração são as performances supracitadas.

### *Luzes na Ribalta gay Fortalezaense*

A segunda metade dos anos 70, nas narrativas de grande parte dos entrevistados, anuncia o *debut* dos primeiros estabelecimentos com performances trans como uma de suas trações. A boate Navy, nesse período, abriu suas portas no elegante bairro Meireles, próximo ao tradicional clube Náutico Atlético Cearense. Nas palavras da transformista Dayanny Princy, os frequentadores geralmente saíam direto dos táxis para dentro da boate no intuito de não serem pegos em “flagrante”. Já no começo dos anos 80, foi inaugurada a boate que até hoje é referência tanto para os performers mais experientes como para os neófitos: a boate Casablanca. Lá, os espetáculos começaram a crescer em número e qualidade, pois eram o carro-chefe da programação. Não por acaso, todos os entrevistados (dos mais experientes aos mais novos) consideram-na o berço da primeira geração de *performers* transformistas e travestis da capital cearense.

Contudo, a década de 80 foi difícil para quem não seguia os padrões heteronormativos, principalmente fora do período limitado do carnaval. As batidas policiais nas boates eram algo corriqueiro, geralmente com a justificativa de inibir o tráfico de drogas, a prostituição e a entrada de menores de 18 anos nas boates. Driblar ou enfrentar a polícia, ainda sob o espectro da ditadura, exigia não apenas coragem, mas também inteligência. As ações empreendidas iam contra um planejamento para a urbe no qual pontos de encontro de homossexuais não estavam contemplados. Esses acontecimentos parecem ratificar o que Certeau afirma sobre a vida urbana: ela sempre deixa remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía.

Nas primeiras edições do Miss *Gay* Abolição (hoje Miss *Gay* Ceará), nos anos 70, por exemplo, os organizadores faziam a divulgação trocando o nome do bairro onde o evento iria acontecer para despistar a polícia. À época, não existia nenhum tipo de lei contra a homofobia. Somente em no ano de 2000 foi regulamentada a primeira lei, em âmbito municipal, que estabelece sanções a estabelecimentos comerciais e pessoas que praticam discriminação por conta de orientação sexual. De autoria do então vereador do Partido dos Trabalhadores (PT), Durval Ferraz,



a Lei 8221 não surtiu o efeito esperado, continuando desconhecida pela grande maioria da população de Fortaleza.

Após o fechamento da Casablanca, vieram, entre outras, as boates 1530, no Centro (1990); Dreams Disco Show (1991-1993), “na esquina da Abolição com a Estados Unidos, que hoje é a Virgílio Távora, aquele lugar mais chique e vip”, nas palavras de Afonso, ex-proprietário dessa boate; Joy Disco Bar (1993-1995), na avenida Monsenhor Tabosa, bairro Praia de Iracema; Degraus, também na Praia de Iracema; *Rainbow*, Capitão Gancho... No entanto, não há um consenso entre os entrevistados do número e do nome das casas de espetáculos trans até o momento, nem mesmo das datas exatas de suas aberturas e fechamentos. A transformista Flávia Fontenelle afirma que a boate que sucedeu o Casablanca em termos de importância para a cena foi a *Style*, inaugurada no ano de 1995 (funcionou até por volta do ano 2000), na rua General Sampaio - Centro. Tendo a transformista Dayany Princy como apresentadora e diretora artística, foi palco de importantes festas e concursos de novos talentos voltados para transformistas e travestis.

Os anos 90 foram marcados pela estreia de dois tipos de performances até então inéditas na cidade: a dos *go go boys* e a das *drag queens*. Consideradas por muitos entrevistados como “modernas”, as *drags* começaram a ter mais visibilidade em meados dessa década, influenciadas pela efervescente cena *drag* de São Paulo. A *performer drag* paulistana Saick Samssaha, radicada em Fortaleza desde 1994, disse-me em entrevista que a primeira *drag queen* que viu, ainda em São Paulo, foi Márcia Pantera, em 1985, na boate *The Club*, na Alameda Jaú. Pantera foi sua mãe na arte da montagem *drag*, contratando-a, inclusive, para fazer shows com ela como sua sócia. Com o tempo, a “tutora” incentivou-a a seguir fazendo performances por si própria. No entanto, revela Saick, “em São Paulo eu era só mais uma”.

Palco de importantes concursos tais quais o “Transformistas do Ano” e o “Top *Drag*”, a Divine é, atualmente, a boate “ativa” que mais perdura no cenário LGBT de Fortaleza. Inaugurada em de janeiro de 2000 e até hoje localizada no centro da cidade, continua a apresentar espetáculos de transformistas, travestis e *drag queens* todos os finais de semana desde então, configurando-se como o ápice para a visibilidade do *performer* na opinião de todos os entrevistados. Nas palavras da transformista Condessa Mireille Blanche: “... se não passarem pelo palco da Divine pra dar o nome delas lá, é como se tivessem ido à Roma sem ver o Papa”.



Divine e Donna Santa<sup>10</sup> são, atualmente, as únicas boates que oferecem esse tipo de performances para o público de Fortaleza. Isso não significa, entretanto, que elas não possam ocorrer em outros locais e circunstâncias. Os *shows* em saunas são bastante comuns, alguns *performers* animam festa de aniversário, despedida de solteiro, encerramento de congressos, paradas pela diversidade sexual etc.

### *Considerações finais*

A cidade metafórica que se insinua no texto claro das cidades pode votar certos lugares à inércia e ao esquecimento, assim como compor os chamados “torneios” acidentais e raros, fazendo referência à cidade transumante de Certeau<sup>11</sup>. Fazendo uma analogia com Perlongher<sup>12</sup> e Butler<sup>13</sup>, as caminhadas podem significar certos lugares da cidade como territórios marginais, nos quais a dinâmica não vai ao encontro do que é propagado como moralmente correto e saudável, criando seres “à margem” do socialmente recomendável.

A “marginalidade” também pode ser remetida ao drama social de Turner<sup>14</sup> por provocar uma quebra no que tradicionalmente é considerado seguro. Os atributos liminares do “marginal”, no entanto, não necessariamente permanecem com esse *status* estigmatizado. Sair da liminaridade e conquistar um espaço outro no tecido social depende de rituais públicos, que nem sempre surtem os efeitos esperados, podendo manter a situação anterior.

A construção das boates *gays* nas quais as performances de transformistas, travestis e *drag queens* são a grande atração, levando-se em conta também as redes de sociabilidades (homossexuais ou não) que se constroem nesse processo (já que a boate não se situa em uma cidade só de homossexuais), contribuiram para redesenhar a Fortaleza de determinados mapas e planos estratégicos.

---

<sup>10</sup> A boate Donna Santa, localizada na Praia de Iracema, próximo ao Centro Cultural *Dragão do Mar* de Arte e Cultura, também abre espaço para performances trans, porém de forma não tão sistemática (não há shows das trans todo final de semana, por exemplo). A principal característica são as festas temáticas voltadas aos LGBT.

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano (vol. 1): a arte de fazer*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

<sup>12</sup> Ver: PERLONGHER, Nestor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. \_\_\_\_\_. Territórios Marginais. In: MAGALHÃES, Maria Rios (org). *Na Sombra da Cidade*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

<sup>13</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. \_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. p. 151-172. \_\_\_\_\_. *Human, inhuman: le travail critique des normes (entretiens)*. Paris: Éditions Amsterdam, 2005.

<sup>14</sup> TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. \_\_\_\_\_. *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications, 1988.



No entanto, o abrir e fechar das boates, as idas e voltas das principais estrelas para a Europa, as batidas policiais (menos corriqueiras, porém ainda existentes), as participações em programas de televisão (tanto nos de entretenimento quanto nos policiais) mostram avanços e retrocessos que se interpenetram, sendo impossível chegar a uma “conclusão” sobre o papel das boates *gays* e seus *performers* trans em Fortaleza. Isso pressuporia uma cristalização dos acontecimentos históricos, das subjetividades, das indeterminações intrínsecas aos processos sociais. Afinal, como poeticamente afirmou Certeau, “caminhar é ter falta de lugar”, ou seja, os percursos pela cidade não estão imunes a práticas significantes que podem compor outros espaços ou mantê-los em sua inércia.

### *Bibliografia*

AMORIM, Manoel. *Ilca*. Fortaleza, 1971.

\_\_\_\_\_. *Nós-Eles-Nós*. Fortaleza, 1972.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. *Human, inhuman: le travail critique des normes (entretiens)*. Paris: Éditions Amsterdam, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano (vol. 1): a arte de fazer*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

COELHO, Juliana Frota da Justa. “*Bastidores e Estréias*”: *performers* trans e boates *gays* abalando a cidade. 2009. 162p. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2009.

FONTENELE, Cláudia Valença. *Entre Estrelas e Passarelas: A condição travesti e seus ritos de apresentação*. 1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.

GADELHA, José Juliano Barbosa. *Cartografias da Oralidade: a atuação drag queen em Fortaleza*. 2007. 100p. Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2007.

GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.





\_\_\_\_\_. Territórios Marginais. In: MAGALHÃES, Maria Rios (org). *Na Sombra da Cidade*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publicatons, 1988.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário*. 2005. 294 p. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.